

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 3 de novembro de 1901

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

Red. e offic.: Typographia Barcellense



9 ANNOS

Eu não sei de prazer que mais me alegre do que o anniversario natalicio d'uma creança. E se ella é naturalmente dotata de genio affavel e folgasão, que se nos põe ao carrachucho, pucha as suissas, pinta bigodes, dá piparotes no nariz e faz cocegas atraz das orelhas... não lhes digo nada, o nosso consolo sobe a ponto de rebuçado. Ah! que satisfação quando brincamos com uma d'essas endiabradas creaturinhas! Eu muitas vezes até chego a duvidar que sejam obra de Deus.

A «Lagrima» está nestes casos. Verdade seja que nem sempre nos apparece chalaceadora, mas isso tambem não admira se nos lembrarmos que completa agora 9 annos, muito pequena cousa comparada com a eternidade, mas muito grande em relação ao definhamento da vida moderna.

Nove annos é precisamente o marco divisorio da infancia para a puerilidade. E' a idade do exame de instrucção primaria e a nossa amiga tambem o ha de fazer para o anno.

Em dia de passeio a Barcellinhos, não sei

que lhe assobiam ao bicho do ouvido, esconde a sua vivacidade, apparece-nos fazendo-se já senhora séria e circumspecta, como qualquer soiteirona, que passou pela ala dos namorados, sem se prender, a fallar de cousas antigas como se fosse coeva da fundação da Sé de Braga. E' muito intelligente, estudiosa e tem boa memoria. Palpita-me que ha de dar um bom presidente do conse-

lho. Conhece todos assumptos e gosta de metter o nariz em toda a parte, unico defeito que tem e se lhe deve desculpar, porisso mesmo que é proprio ao seu sexo—é curiosa—.

Muitos lhe tem enguiçado com o nome, mas isso não faz ao caso, pois já o barbaças do Homero dizia—*ridulo castigat mores*—(este latinorio traduzido á letra quer dizer—o Rozenão castiga os menores—ou, por outras palavras—o Rozeno tem medo dos graútos)

Então não ha por ahí muitas Felisbellas que só tem conhecido a desdita com todos as horrores, Rosas peiores que a flôr do tojo e Barbas que são pombas sem fel?

Coitadital é uma simples e ingenua como não ha outra, apesar de já gostar ver-se ao espelho e tambem suspirar por um espartilho. Espere mais uns annos e depois fará com a sua elegancia inveja ás que mais presumem usar a ultima moda.

Venha de lá esse *chi*, sua garota, por muitos e bons, e como recordação d'este dia tão faustoso toma lá este frasco de *Posfidologycina*,

que agora fui comprar ao Ayres, e te ha de fazer desaparecer o bocalito de palidez que trazes n'esse lindo palminho de cara.

AOS POLITICOS

Temos em nosso poder uma lista dos pobres envergonhados, de Barcellos, e pedimos para elles o dinheiro que, por acaso, podem pensar gastar-o hoje em musicas e fogo—por causa das eleições de Camara!

ũa tanta miseria ahi.

Apresentamos hoje a photographura, que embora vaga, nos dá a ideia da grande tela dos *Dolmens*, effeito de poente nas costas da Bretanha, do nosso illustre patricio e laureado artista Candido da Cunha, enviada á Exposição de Paris e perdida no naufragio do vapor Santo André.

Muito se disse d'este e outros quadros quando expostos no salão da Associação Catholica do Porto.

Em referencia a esta nosso patricio diz um illustre critico: «Candido da Cunha é um paizagista até á medula dos ossos. E' ahi na pintura da natureza que o artista se compraz e mais se encanta, e já d'ella escolheu os effeitos de luz que mais se casam ao seu feitio de lyrico—a vaga elegia dos crepusculos, manchas sanguinosas do occaso, luars um pouco amarelentos de ballada. E' um pintor illustre, pessoal, voluntarioso, poetico. Poucos artistas sabem reproduzir com mais simplicidade, tudo o que a paizagem evocar, estados d'alma vagos e melancolicos. E' um elegiaco admiravel. O doirado fulvo dos seus fundos, em que a foice da lua apparece, deixa, no resto dos quadros, a penumbra amorosa e triste em que cahem as folhas de outonno.

Aquellas horas em que as linhas se perdem e ficam as manchas já misteriosas e como envoltas em lenda, sabe pintar-as divinamente o nosso artista.

A tela dos *Dolmens* é um suavissimo, espiritalissimo effeito de poente, coisa d'uma poesia admiravel, sentida com uma ardente commoção d'alma, e pintada com a subtiliza e perfeição d'um mestre.»

No cemiterio

O que alli se ouvia na tarde de sexta-feira:

—Que maroto aqui está enterrado...

—Se este voltasse ao mundo, pasmava de ver o filho novo já com cavallos...

—Olha esta campa como está abandonada. A mãe teve dinheiro para a musica tocar no enterro e não o tem agora para aqui collocar dous lampiões!

—Vamos embora porque isto aborrece. Vamos á Bagocira ou ao Torreco.

—Desgraçado! Antes de tu fulleceres juraram que se haviam d'encontrar unidos durante um anno, e além de já quebrarem essa jura, nem te adornam a campa, nem vem aqui orar junto de ti.

Que ingratos!

—Reparáste que aquella leva a estreiar um lenço de seda branco. Quem lh'o daria?

—Ora, não sabes, foi o sargento **v.

—A outra se havia de vir rezar pela alma da mãe, que ainda ha pouco falleceu, foi *tainar* para a beira do rio.

—Tão rico, e sem ter um jazigo!

—Aquelle mausoleu é que está no luxo. Olha que d'coroas, flores e castiças de prata com vellas!!!

—Levanta-te d'ahi e vem ver os teus credores levarem o juro do o juro dos teus debitos!

—Aquella que acolá vai sempre casa com o outro de que fallamos hontem?

—Não sei, Ella anda no estado interessante.

—Bebi hontem um vinho de pataco no Feliciano, que é de rachar.

—Final eu não entendo isto. Quem vencerá? Será o Ramos, o Novas, ou o Zé d' Castro?

—Era um bom homem, dava muitas esmolinhas aos pobres.

—Sempre aquelle trazia hontem uma borraqueira!

—Os Marchantes deram um *quinze* no Augusto, com os carros.

—Coitadinha! morreu na flor da idade.

Lê se n'um semanario hintzaco de Famação:

«*Novo jornal*—Com o titulo o «Regenerador» principia amanhã a publicar-se em Barcellos, um novo semanario que defenderá a politica franquista.

Ao novo semanario, que será impresso na nossa officina, desejamos uma longa e prospera vida.»

Ou o collega *chucha* com as tropas ou falta á verdade, pois não temos conhecimento que fosse publicado tal orgão.

Notas diversas

O Manoel Russo, muito senhor do que dizia, perguntou ao Silva, da Tabacaria, de quantos cavallos era a força de cada bico do gaz acetylene que elle tem no estabelecimento.

* O Adolpho Cibrão contava em um grupo:

—Mandei hoje comprar, para o jantar, 6 malgal do papas.

—Para que tantas malgas? disse alguém.

—E' porque eu tenho *mulher dobrada*.

—Mulher dobrada!? interrogaram os do grupo.

—Sim, senhores, e não digo asneira nenhu-

LAGRIMA

ma... E' minha mulher e a creada, e quando não, vão vêr no dicionario.

* O José Bóbo diz que conhece uma luz que falla.

* Parece a proposito fabricar esta quadra:

E viva a pandega,
do José Novaes.
Não chores Zé Ramos
que tambem vaes.

* Hoje ha carneiro com batatas, nas seguintes tabernas e hotéis, de Barcellos: Torres, Manoel do Tanque, Roriz, Tecelã, Beata, Bagoeira, Espinheira, Cardoso, Thereza Pires, João dos Pretos, Meira, Adelino, Feleciano, Monteiro, Botas, Campanita, Neiva, Augusto Vieira, Francisco da Ponte, Mauca, Ballhazar, Hotel Burcolente, Vinagre, Tanque, Hotel do Cavado, Mungulha, Restaurante da Estação, Eduardo da Bagoeira, Manta (filha), Figueiredo, Bernardino da Mouca, Suzana, José Camarada, Antonio da Praça, Adelino Maciel, Maria dos Anjos, Bollas, Pardeja, Correia, Pereira, Leiria, Narciso, Bitraço, Bellinho, Estanislau, Fitas, Leão, Burico, Germano, Boér, Porrêtas, Morena, Pinheiro, Mirólho, etc.

* O carcereiro estava ha dias em uma loja de ferragens, quando um amigo lhe disse:

—Vou comprar um póte de ferro que leve ahí 5 ou 6 malgas ou tigelas, de caldo.

—Malgas, disse o carcereiro, diga assim, porque tambem assim está no dicionario, apesar de que tambem lá se encontra muita asneira, como por exemplo o chamar *cirêle* a uma prisão. Prisão é que é o seu verdadeiro nome. Pois diga-me cá. Quando se prende qualquer pessoa, como se diz? Está preso. Portanto já se vê que é prisão e não *cirêle*. Tenho ou não razão?

* Toda a gente conhece ahí o Longras, de S. Paio. E' bom homem, mas muito sumitico, muito socranca, muito solano, muito sovina e muito compra.

N'uma d'estas semanas matou o porco; ou por outra, foi o *matador* que se encarregou d'esse serviço.

Pois não teve coragem de convidar para o serrabulho nem sequer a auctoridade da freguezia —o regedor.

O seu filho José é mais mãos largas e levou-o a sua generosidade a ponto de convidar para a festança o jornalista da casa.

Este á hora aprasada entrou sem bater e o Longras assim lhe fallou:

—Tu cheirou-te ou o Zé mandou-te...

—A mim não me cheirou, foi Zé que me mandou.

—Pois pódes-te ir embora que elle não está cá.

—Se elle não está, elle virá...

—Virá se vier.

Felizmente o filho appareceu logo e o jornalista comeu uma gaucha de rajões e bebeu uma baça de vinho.

* Hontem embandeirou em arco a officina da nossa «Lagrina».

Os seus redactores offereceram um copo d'agua (com vinho) a todo o pessoal.

* Encadernações perfeitas, baratas e seguras, na Typ. Barcelense, de Augusto Saucasaux, para o que ha material e pessoal habilitado.

* Ao haver conhecimento da abstenção do partido Nacionalista em ir á urna na eleição de hoje, Barcellos virou-se de baixo pr'arriba. Assim, o Almeida do Banco, ao saber do sucedido, foi a casa e rasgou a *Biblia* protestante; o barbeiro Mineiro, inimigo figadal do rev.^{mo} padre João Villas-boas, foi procural-o e abraçou-o jurando-lhe que haviam de ser seu amigo até á morte; a Thereza Pires rasgou o vestido preto que trajava e em poucos momentos appareceu toda de branco; o João dos Pretos montou no burro do Antonio do Botequim e foi contar a nova a Espozende; o Manoel Macedo deu de graça cevada a todos os freguezes que n'aquelle dia accorreram ao seu estabelecimento; o Portella, guardasoleiro, forneceu gratuitamente a todos os garotos bombas de 5 reis; o Trinta Reis ficou tão impressionado que telegraphou para a Hespanha, mandando vir dous wagons de sardinha; o Rouquinho, ás 4 horas da tarde, foi dizer ao capellão do Bom Jesus que viesse celebrar missa; o Joaquim da Cunha queria a todo o risco matar, no ribeiro de Perelhal, trutas a tiro; o Narciso, do Campo da Feira, se não é o Flanlres, pedreiro, seguia para Roma a informar o Papa do que por cá se passava; o José Mathias foi com a musica dos Bombeiros para as Necessidades; o Bento, tamanqueiro, munido d'uma thesoura de póla, cortou todos os pés de videira que tinha na sua quinta da Agréla e que montavam ao numero de 6:105; o João Oliveira quebrou todas as garrafas com vinho branco, espumoso, que tinha no seu estabelecimento; o Manoel Velinho fez uma declaração publica de que passava a sêr sapateiro; o sargento Leão deu uma bofetada no brigadas, matando-o instantaneamente; o David, relojoeiro, desapareceu, levando ao hombro o Paes de Faria; o Brito, servo da Ordem Terceira, queria que o Antonio Magalhães, pintor, e sineiro, fosse tocar nos sinos a «Maria Cachucha»; o Joaquim Valle comeu gato por lebre; o Joaquim Araujo emmudeceu; ao João da Esquina cabiu-lhe todo o cabello; o Ferreira de Faria, a sonhar, começou de gritar pela Petrexas que lhe dêsse bolinhos por uma frincha da porta do quarto; o procurador Martins escreveu ao Portas convidando-o para vir ao serrabulho; o Alberto Guimarães offereceu na Agrella um magusto aos

amigos, no qual o Adolpho Cibrão, brindando, chorou por não ser filho do sr. Gonçalves; o Armindo do Souto jurou fazer vingar em Barcelinhos uma chapa para a eleição de S. Martinho; o Julio Vallongo photographou o Caganito, barbeiro, em tamanho natural, ficando da altura do Mineiro; o José do Anselmo encavacou com tudo isto e foi para a Apulia; o Lino Cruz esbarrando-se com o José Lopes quebrou-lhe o nariz; o Antonio Azevedo, de Barcelinhos, jurou não se metter mais em festas ou subscrições.

Politica

Dias de uma limpidez e d'uma serenidade admiráveis. S. Simão e os magustos, ou por outra, magustos de castanhas sem S. Simão mas com muito vinho novo, deram a sua nota alegre a este outomno melancholico.

De mistura com o saboroso fructo da mais elegante e graciosa arvore portugueza—o castanheiro—; de mescla com o mais formoso producto do reino vegetal—o vinho—: a politica estrugiu festivamente durante este outubro amigo, em que o *branco* começa a decilitrar-se sem regra, em grande quantidade. A *victoria* com que todos os politicos, sem distincção de cor nem de qualidade, contavam, beijou enternecida e magana os maiores das varias facções e ainda os galopins. E, d'esta fórma, o estado atmospherico condisse com a felicidade dos simples mortaes, que ainda têm nas eleições, não o já lendario carneiro com batatas, porém um *prato de meio* delicado.

... Todos venceram!—O sr. dr. José Julio Vieira Ramos, venceu o sr. dr. Figueiredo Faria, dando-lhe na Camara uma minoria; o sr. dr. José de Castro ganhou o logar de contador, o Antonio e Secundino Esteves, sobre quem se promettia abrir a boceta de Pandóra, em occasião azada, devido á sua attitude na eleição da Santa Casa, apanharam as graças da maior parte de seus adversarios de hontem; o sr. conselheiro José Novaes archivou no coração a gratidão dos que lhe eram sincera e desinteressadamente amigos. Venceram os cocheiros gorjetas em barda, os alquiladôres alugueis bastos e farto negocio fizeram os donos de casas de comidas e bebidas.

Eis, a largo traço, a victoria geral das eleições camararias de 1901!

A unica nota bem outomnal em tudo isto—foi a da queda d'uma... *folha*.

*

Até musica e fôgo tivemos n'este decimo segundo mez do anno...

Sabendo uma troupe de barcellenses da chegada do sr. conselheiro José Novaes, alugaram uma musica, compraram fôgo e fizeram aquel-

le cavalheiro uma espera d'alto lá com ella!

Sabendo aquelle filho de Barcellos—a quem innegavelmente devemos os primeiros melhoramentos—que as homenagens partiam de individuos que—no seu maior numero—estão protegidos pelo noticiario da «Folha», e do «Commercio» e da «Lagrima», não acceitou os cumprimentos.

Bem apanhada!

O sr. dr. José de Castro, que chegava no mesmo comboio, fugiu, só, espavorido, com o fiasco da lembrança, pela Avenida 11 de Fevereiro em direcção á villa; o sr. dr. Antonio Ferraz, tomou o caminho de sua residencia, assim que soube do acontecido; o sr. dr. Ramos deu por paus e pedras, no edificio da nossa Camara, ao ser informado do que havia; o sr. Domingos de Figueiredo, esse até quiz comêr lume...

E... assim (em verdade!) caiu no fiasco, com tão dignas reprovações, proceder tão revoltante! Vexame e nódoa para aquelles que se presam de sêr barcellenses!...

Os maus actos ficam com aquelles que os praticam!

Agóra, perante a critica superior, *ninguem* foi o auctor de tão carnavalesca manifestação! Ainda por cima a covardia!

*

D'esta eleição apontamos com muito prazer a attitude *segura, e equal*, em que se collocou o nosso collega da «Folha» (que não queremos discutir se é boa ou má) e a fraqueza dos que, sendo *progressistas*, ou *franquistas*, ou *hintz wees*, não tinham a coragem de se affirmarem como taes, porque «queriam vivêr com todos».

... Afinal ninguem os tóma a sério; não prestam para si, nem para os outros.

O dr. M. Lima, republicano, em qualquer situação, em qualquer logar, lá tem o seu papel. E' que os actos affirmam as suas convicções. O Eluardo Ramos, n'outra esphera mais humilde, lá por têr progressistite-aguda, não póde desagradar senão aos maus.

... Agora os outros: esses, affirmamos, são uns nullos e uns fracos.

*

Temos muito prazer de contar aos nossos leitôres que já inaugurámos os serrabulhos.

Embedamó'-nos a mais não podêr sêr e depois (isto foi domingo) quebramos ahi para as proximidades do Café Mattos, noite dentro, a cabeça a uma porção de muzicos de *ambas* as *bandas*, que se tratavam de razões por causa da maldadada *fusão*.

—Vocês, dissemos nós, são *muzicos* e *bonda*.

E um *clarinete*:

—E os politicos o que são?